

Uma tradução do projeto [Traduções Abolicionistas](#)

Tradução base:

DAVIS, A. Racismo mascarado. In: DAY, S.; DAVIS, A.; GOLDBERG, G. *et. al.* **O Gulag americano**. Lisboa: Edições Dinossauro, 2001, p. 65-77.

Texto original:

DAVIS, A. Masked Racism: Reflections on the Prison Industrial Complex, *Colorlines*, 10 set. 1998. Disponível em: <<https://www.colorlines.com/articles/masked-racism-reflections-prison-industrial-complex>>.

Traduzido por Ana Barradas e Carlos Rodrigues.

A publicação da tradução portuguesa foi autorizada por Ana Barradas.

Revisão, adaptação e cotejamento com o texto original por Amós Caldeira.

Data de publicação: 1º out. 2022.

Racismo mascarado:

Reflexões sobre o complexo industrial-prisional

Angela Davis

O encarceramento tornou-se a resposta preferida para a esmagadora maioria dos problemas sociais que pesam sobre as pessoas afligidas pela pobreza. Estes problemas são frequentemente encobertos mediante o seu agrupamento sob a categoria “crime” e pela atribuição automática de comportamento criminoso a minorias étnico-raciais. A condição de sem-teto, o desemprego, a toxicod dependência, a doença mental e o analfabetismo são apenas alguns dos problemas que

desaparecem da vista do público quando os seres humanos por eles afligidos são relegados para as prisões.

As prisões, portanto, realizam uma mágica. Ou melhor, as pessoas que continuamente votam por novos investimentos em prisões e aprovam tacitamente uma rede proliferadora de cadeias e prisões foram levadas a acreditar na magia do encarceramento. Mas as prisões não fazem desaparecer os problemas, fazem desaparecer seres humanos. E a prática de fazer desaparecer um vasto número de pessoas das comunidades pobres, imigrantes e racialmente marginalizadas tornou-se literalmente um grande negócio.

A magia aparentemente fácil esconde muitas vezes uma enorme massa de trabalho nos bastidores. Quando as prisões, para criar a ilusão de que estão a resolver os problemas sociais, fazem desaparecer os seres humanos, infraestruturas penais precisam ser criadas para acomodar o número rapidamente crescente de pessoas aprisionadas. É preciso fornecer bens e serviços para manter viva a população encarcerada. Algumas vezes é conveniente manter estas populações em atividade e outras vezes – particularmente nas prisões de segurança máxima e nos centros de detenção do serviço de imigração – interessa privá-los de qualquer atividade significativa. Um vasto número de indivíduos algemados e acorrentados atravessam as fronteiras estaduais quando são transferidos de um estado para outro ou de uma prisão federal ou estadual para outra.

Todo este trabalho, que costumava ser da competência básica do governo, é agora também realizado por corporações privadas, cujos laços com o governo no que é eufemisticamente designado por “política correcional” assemelha-se perigosamente com o complexo industrial-militar. Os dividendos que se extraem do investimento na indústria punitiva, tal como os resultantes do investimento na produção de armas, conduzem apenas à destruição social. Levando em consideração a semelhança estrutural e a rentabilidade do relacionamento entre o governo e o setor privado no domínio da produção militar e da punição

pública, o sistema penal em expansão pode atualmente ser caracterizado como um “complexo industrial-prisional”.

A cor do encarceramento

Quase dois milhões de pessoas estão atualmente encarceradas na imensa rede de prisões e cadeias dos EUA. Mais de 70% dessa população prisional são pessoas de minorias étnico-raciais. Raramente se reconhece que o grupo que mais cresce entre as pessoas encarceradas é o de mulheres negras e que os nativos americanos constituem o maior grupo *per capita*. Aproximadamente cinco milhões de pessoas – incluindo os que estão em liberdade condicional ou suspensão condicional da pena – encontram-se sob a vigilância direta do sistema de justiça criminal.

Há três décadas o volume da população prisional era de aproximadamente 1/8 do atual. Embora as mulheres ainda constituam uma porcentagem relativamente pequena das pessoas atrás das grades, só na Califórnia o número de mulheres presas é quase o dobro de toda a população prisional feminina à escala nacional em 1970. De acordo com Elliott Currie, “a prisão tornou-se uma presença a pairar sobre a nossa sociedade, com uma extensão sem paralelo na nossa história – ou na de qualquer outra democracia industrial. Na ausência de guerras importantes, o encarceramento em massa tornou-se o programa social mais largamente implementado do nosso tempo”.

Para fornecer corpos destinados a uma punição lucrativa, a economia política das prisões apoia-se em suspeitas de criminalidade racializadas – como a imagem estereotipada de mães negras que recebem auxílio social criando filhos criminosos – e em práticas racistas nos critérios de detenção, julgamento e condenação. Os corpos de minorias étnico-raciais constituem a principal matéria-prima humana neste vasto experimento para desaparecer com os grandes problemas sociais de nosso tempo. Uma vez removida a aura mágica da solução do encarceramento, o que se revela é racismo, preconceito de classe e avidez parasitária pelo lucro capitalista. O sistema industrial prisional

empobrece material e moralmente seus habitantes e devora a riqueza social necessária para resolver os mesmos problemas que têm conduzido ao crescimento assustador do número de presos.

À medida que as prisões vão tomando um espaço cada vez maior na paisagem social, outros programas governamentais que anteriormente procuravam responder às necessidades sociais – tais como a Assistência Temporária às Famílias Necessitadas – têm sido simplesmente extintos. A deterioração da educação pública, entre outros aspectos pela prioridade dada à disciplina e à segurança sobre o ensino nas escolas públicas localizadas em comunidades pobres, está diretamente relacionada com a “solução” prisional.

Lucrando com os presos

À medida que as prisões proliferam na sociedade estadunidense, o capital privado vai invadindo a indústria punitiva. E precisamente por causa de suas potencialidades de lucro, as prisões têm-se tornado cada vez mais importantes na economia dos EUA. Se a mera concepção da punição como uma fonte de lucros potencialmente elevados já é perturbante, ainda mais preocupante é a dependência em estruturas e ideologias racistas para tornar a punição em massa mais aceitável e lucrativa.

A privatização das prisões é o exemplo mais óbvio do atual movimento dos capitais em direção à indústria prisional. Se as prisões geridas pelo governo estão muitas vezes em grosseira violação das normas internacionais em matéria de direitos humanos, a situação é pior ainda nas prisões privadas. Em março deste ano [1998], a *Corrections Corporation of America – CCA*, a maior companhia privada de prisões dos EUA, conseguiu 54.944 camas em 68 prisões já contratadas ou em desenvolvimento nos Estados Unidos, Porto Rico, Reino Unido e Austrália. Seguindo a tendência global de sujeitar mais mulheres à punição pública, a *CCA* abriu recentemente uma prisão para mulheres nos arredores de Melbourne. Recentemente a companhia identificava a Califórnia como a sua “nova fronteira”.

Racismo mascarado

A *Wackenhut Corrections Corporation* – *WCC*, a segunda maior companhia prisional dos EUA, conseguiu contratos e concessões para administrar 46 estabelecimentos na América do Norte, no Reino Unido e na Austrália. A companhia ostenta um total de 30.424 camas, assim como de contratos para os serviços de saúde, transporte e segurança dos presos.

Os negócios da *CCA* e *WCC* são extremamente prósperos. Entre 1996 e 1997, as receitas da *CCA* aumentaram 58%, de 293 milhões para 462 milhões de dólares. O lucro líquido passou de 30,9 milhões para 53,9 milhões de dólares. As receitas da *WCC* cresceram de 138 milhões em 1996 para 210 milhões de dólares em 1997. Ao contrário das prisões estatais, os vastos lucros das prisões privadas resultam da utilização de trabalhadores não sindicalizados.

O complexo industrial-prisional

Mas as companhias prisionais privadas são apenas o componente mais visível da crescente entrada do capital privado no setor punitivo. Os contratos governamentais para a construção de prisões impulsionaram a indústria da construção civil. As firmas de arquitetos descobriram na concepção de prisões um importante novo nicho a explorar. A tecnologia desenvolvida para fins militares por companhias como a *Westinghouse* está a ser comercializada para uso pelas forças policiais e no setor punitivo.

Ainda mais, companhias que parecem inteiramente alheias ao negócio da punição estão intimamente envolvidas na expansão do complexo industrial-prisional. A emissão de ações para a construção de prisões é uma das muitas fontes de investimento rentável para grupos financeiros importantes, como *Merrill Lynch*. A *MCI* cobra aos presos e às suas famílias preços exorbitantes pelas preciosas chamadas telefônicas, que são muitas vezes o único contato dos presos com o mundo livre.

Muitas corporações cujos produtos consumimos diariamente descobriram que a força de trabalho prisional pode ser tão rentável

como a força de trabalho do Terceiro Mundo explorada pelas multinacionais com sede nos EUA. Os trabalhadores sindicalizados são lançados no desemprego e muitos acabam na prisão. Algumas das companhias que utilizam a força de trabalho prisional são *IBM*, *Motorola*, *Compaq*, *Texas Instruments*, *Honeywell*, *Microsoft* e *Boeing*. Mas não são apenas as indústrias de alta tecnologia que lucram com o trabalho prisional. Os armazéns *Nordstrom* vendem *jeans* que levam a marca “*Prison Blues*”, assim como camisas e jaquetas fabricadas nas prisões do estado de Oregon. O *slogan* publicitário para este vestuário é “fabricado lá dentro para ser usado cá fora”. Os presos do estado de Maryland inspecionam as garrafas de vidro e frascos usados pela *Revlon* e pela *Pierre Cardin*, e escolas de todo o mundo compram gorros e capas de fim de curso feitos pelos presos do estado da Carolina do Sul.

“Para o negócio privado”, escrevem Eve Goldberg e Linda Evans (esta última presa política da Instituição Federal Correcional de Dublin, Califórnia), “o trabalho prisional é uma mina de ouro. Não há greves, nem sindicatos, nem serviços de saúde, nem seguro de desemprego nem indenizações por despedimento. Não existe a barreira da língua, como nos países estrangeiros. As prisões estão sendo transformadas em fábricas gigantescas atrás dos muros. Os presos fazem registo de dados para a *Chevron*, marcam reservas telefónicas para a *TWA*, criam porcos, carregam estrume, montam circuitos eletrónicos e automóveis, fabricam colchões de água e *lingerie* para a marca *Victoria’s Secret* – tudo por uma fração do custo do “trabalho livre”.

Devorando a riqueza social

Embora o trabalho prisional – retribuído muito abaixo do salário mínimo – proporcione grossos lucros às companhias privadas que o utilizam, o sistema penal, como um todo, não produz riqueza. Devora riqueza social que podia ser usada para subsidiar a habitação para os sem-teto, para melhorar a educação pública nas comunidades pobres e racialmente marginalizadas, para lançar programas gratuitos de reabilitação de toxicodependentes, criar um sistema nacional de saúde,

Racismo mascarado

expandir os programas de combate à AIDS, erradicar a violência doméstica – e, neste processo, criar empregos bem pagos para os desempregados.

Desde 1984 mais de vinte novas prisões abriram na Califórnia, enquanto só um novo *campus* foi acrescentado ao sistema da Universidade Estadual da Califórnia e nenhum ao da Universidade da Califórnia. Em 1996-97, o ensino superior recebeu apenas 8,7% do orçamento geral do Estado, enquanto as instituições prisionais receberam 9,6%. Agora que a ação afirmativa foi declarada ilegal na Califórnia, é óbvio que a educação é cada vez mais reservada para certo tipo de pessoas, enquanto as prisões são reservadas para outras. O número de homens negros atualmente nas prisões é cinco vezes superior ao dos que frequentam as faculdades e universidades. Esta nova segregação tem implicações perigosas para todo o país.

Segregando aqueles que são designados como criminosos, a prisão reforça e oculta simultaneamente o racismo estrutural na economia dos EUA. Afirmar que é baixa a taxa de desemprego, mesmo nas comunidades negras, só faz sentido se considerarmos o grande número de pessoas presas como efetivamente desaparecidas e, portanto, sem qualquer direito a procurar emprego. O número de homens negros e latinos atualmente encarcerados chega a 2% da força de trabalho masculina. De acordo com o criminólogo David Downes, “se considerarmos a prisão como um tipo de desemprego oculto, a taxa de desemprego entre os homens subirá cerca de um terço, passando para 8%. O efeito sobre a força de trabalho negra é maior ainda, aumentando a taxa de desemprego masculina (entre os negros) de 11% para 19%”.

Programa secreto

O encarceramento em massa não é uma solução para o desemprego, nem é solução para a enorme variedade de problemas sociais que ficam ocultos sob uma rede de prisões e cadeias em crescimento acelerado. Contudo, a grande maioria das pessoas tem sido

induzida a acreditar na eficácia do encarceramento, embora a história demonstre claramente que as prisões não funcionam. O racismo tem minado a nossa capacidade para elaborar um discurso popular crítico capaz de contestar os estratagemas ideológicos que apresentam o encarceramento como algo fundamental para a segurança pública. O foco da política estatal está mudando rapidamente da assistência pública para o controle social.

Jovens negros, latinos, nativos americanos e asiáticos são retratados como causadores de violência, traficantes de drogas e ávidos por possuir bens a que não têm direito. As jovens negras e latinas são apresentadas como sexualmente promíscuas, sempre prontas a propagar crianças e pobreza. Criminalidade e desvio são racializados. A vigilância é, portanto, concentrada sobre comunidades de minorias étnico-raciais, imigrantes, desempregados, pessoas com baixa escolaridade, sem-teto e, em geral, sobre todos que têm uma parte cada vez menor nos recursos sociais. E sua parte nos recursos sociais continua a diminuir em grande parte porque as forças policiais e as medidas penais cada vez mais devoram esses recursos. O complexo industrial-prisional criou, assim, um círculo vicioso de punição que só empobrece mais aqueles cuja pobreza é supostamente “resolvida” pelo encarceramento.

Assim, na medida que a ênfase da política governamental passa do bem-estar social para o controle do crime, o racismo se assenta mais profundamente nas estruturas econômica e ideológica da sociedade estadunidense. Enquanto isso, os paladinos conservadores contra ações afirmativas e educação bilíngue proclamam o fim do racismo, enquanto seus oponentes sugerem que os resquícios do racismo podem ser dispersados com diálogo e conversa. Mas conversas sobre “relações raciais” dificilmente desmantelarão um complexo industrial-prisional que não só se alimenta do, como também nutre o racismo oculto nas estruturas profundas da nossa sociedade.

A emergência de um complexo industrial-prisional estadunidense no contexto de um conservadorismo arrebatador marca

Racismo mascarado

um novo momento histórico, um momento cujos perigos não têm precedentes. Mas também sem precedentes são as oportunidades. Tendo em conta o número impressionante de iniciativas de base que continuam a resistir à expansão da indústria da punição, deve ser possível pôr estes esforços em conjunto para criar movimentos radicais, visíveis à escala nacional, que possam dar base sólida às críticas anticapitalistas ao complexo industrial-prisional. Deve ser possível construir movimentos em defesa dos direitos humanos dos presos e movimentos que demonstrem de modo persuasivo que o que precisamos não são novas prisões, mas novos sistemas de saúde, habitação, educação, apoio à toxicod dependência e empregos. Para salvaguardar um futuro democrático, é possível e necessário entrelaçar as numerosas e crescentes ações de resistência ao complexo industrial-prisional num poderoso movimento para a transformação social.